

Conferencia realizada por
Bastin Tigge no 10º ani-
versario da Libertação dos
escravos

EXMAS. SNRAS. MEUS SENHORES

Convidado por um dos distintos membros desta agremiação para fazer uma conferência tendo por tema o fato glorioso cujo primeiro decênio hoje se comemora, senti-me perturbado com tão grande honra que se me fazia, pois co-
nheço bem a minha incompetência para uma empresa desta ordem.

Acresce, que tendo sido esta tribuna até hoje ocupada por oradores ilus-
trados e com nome feito na literatura, na imprensa e na tribuna, seria mui-
to arrojo de minha parte aceitar tao pesado encargo.

Obedecendo porém a máxima francêsa, noblesse oblige, eu transpondo os
umbrães de minha incapacidade e alargando o pequeno cyelo de meus conhecimen-
tos, acedi ao honrado convite.

Estreiante nas lides da tribuna, eu peço a benevolência do ilustrado au-
ditório e alguns minutos de atenção.

Dividirei o meu discurso em três partes; na primeira fazendo um retros-
pécto histórico sôbre o estado da Sociedade antiga estudarei a origem, carã-
ter, e desenvolvimento da escravatura; na terceira finalmente assinalando o
papel proeminente de Pernambuco na grande conquista social, apreciarei as
diversas fases do movimento abollcionista até a promulgação da aurea lei de
13 de Maio de 1888. Vou começar

MEUS SENHORES

Se folhearmos a História dos povos, quando a luz do Progresso ainda não
havia brilhado na imensa noite dos tempos, ver-nos-emos indignados deante
dos quadros de uma ediondez dantesca que nos apresenta a história da barba-
ria antiga; lutas intestinas perturbão dia e dia a vida das nações, e trans-
formados em fêras sanguidentes os homens lutam braço a braço, ora para sa-
tisfazeñ ambições, ora em ferozes vindictas.

A sociedade antiga, deminada pelo espírito de raça, pelo espírito de ex-
clusivismo mesquinho, pela sêde do ouro e do poder, vê em cada estrangeiro
um inimigo e em cada inimigo uma preza.

A guerra eis o que caracteriza a Idade antiga; a guerra com todo o seu
séquito de destruição e desordem em que o homem obedece unicamente ao jugo
das paixões, nascidas da depravação dos costumes, dos prazeres e do luxo em
que os lutadores esquecem-se que são homens para lembrarem-se que são inimi-
gos.

A força sobrepuja o direito; a honra vende-se a pêsos de ouro; a virtu-
de é cousa rara.

E mesmo assim, que virtude?

... / ...

A de Bruto condenando á morte os seus dois filhos, a de Mucio Scarla pondo a mão sôbre um brasêiro por ter falhado um golpe, a de Lucrecia que se mata por um crime alheio.

Uma guerra origina outra guerra; lutar e vencer eis a grande preocupação dos povos, que loucos de raiva atiram-se sôbre o inimigo, e exitados pelo espirito de exterminio, fruto desta época de degeneressencia moral, desconhecem os direitos do homem, violando os da Sociedade.

Vae victis! é o grito de guerra. No termo da luta, braço á braço, terrível e cruel, o Campo de batalha transforma-se em vasta necropole. Os sobreviventes têm reservada uma sorte peor que a daqueles cujos cadáveres juncão o Campo.

Sendo a primeira ciência do govêrno exterminar ou escravisar

origem das lutas internacionais, datando portanto dos primeiros dias da humanidade.

Filho do ódio e das paixões este cancro social foi infiltrando no organismo dos povos o vírus terrível da degradação moral, vírus que se alastrou por todo êle abatendo e fracionando as nações, abatendo os seus bríos e prostrando a sua dignidade.

É por este motivo altamente significativo que os povos da Idade Antiga, não conhecendo os sacrosantos princípios da liberdade e fraternidade debatiam-se em contínuas e encarniçadas lutas, e depois de ter tocado ao zenith do seu poderio tombavam desmoronadas com o colosso de Rhodes.

O direito do homem sobre o homem era considerado tão justo como o direito do homem sobre o bruto.

O escravo declarava Aristóteles, está sujeito ao Senhor como a matéria ao espírito; o escravo não tem deuses, pregava Eschylo. Platão advogava a causa da desigualdade humana e acentuava a diversidade das almas, o filósofo tem alma de ouro o guerreiro de prata e os escravos de ferro, dizia êle.

A antiga Sociedade estava, pois, fundada sobre a escravidão que se havia generalizado por toda parte, ora debaixo do manto sacerdotal do Egito, ora entre os ridículos adoradores de Buda e até mesmo entre os sábios filósofos da velha Grécia.

O país, porem, em que ela assumiu mais assustadoras proporções de desumanidade e infâmia, foi a pátria dos Cezares e grandiosa Roma, capital do mundo de então. Considerado perante a lei como cousa e não pessoa o escravo romano podia ser legalmente morto de fome, atirado às moreias ou cruxificado sem que se visse nisto algo de estranho ou anormal.

Nos jogos públicos êles eram conduzidos ao anfiteatro para lutar com as feras com o fim único de divertir um povo estúpido e um rei Scelerado. Miséria das misérias!...

Quando a cidade eterna caiu esfacelada ante a poderosa avalanche da grande invasão dos bárbaros, uma transformação radical operou-se na face do mundo nos costumes e nas leis dos povos.

O catolicismo pregado pelo apóstolo das gentes substituiu as mil e uma religiões de Roma e o Ocidente erguia-se sobre os destroços do Império dos Cezares.

Alguns costumes, porém, dos Romanos foram adotados pelos povos ocidentais, e embora reformados e melhorados, graças aos salutaros princípios do Cristianismo, persistiram ainda por algum tempo, até que o facho fulgurante da civilização, espaneando as trevas que envolviam as nações lhes mostrasse a larga estrada do direito, da paz e do progresso.

Estamos em plena Idade Média. Época de transição caracterizada pela cavalaria e pelo feudalismo, ela abriu lugar para as civilizações filhas do Evan

gelho que o Homem Deus viera trazer-nos. Os povos obedecendo a lei da evolução foram-se pouco á pouco libertando das velhas e caducas instituições antigas enquanto novos horizontes anunciavam uma era melhor.

A escravidão desaparece enfim da Europa; vampiro da ignorância fugira ante o archóte luminoso da Civilização moderna apenas nascente.

No entanto o gêniohumano embrenha-se pelo campo das descobertas; Schssartz inventa a pólvora; Flávio Fiova dá-nos a bússola; Guttenberg descobre a Imprensa; o Infante D. Henrique manda expedições aos "... mares nunca d'ante navegados". Mas o século XV ia assistir no seu termo a maior de todas as descobertas, a mais surpreendente de todas as empresas; o gênio sublime de Cristovão Colombo, atravessando a vastidão dos mares, veio descobrir do outro lado do Atlântico um novo Mundo que "trazia nos músculos a seiva do porvir".

Quando em busca das riquezas da India, Cabral conduzia os luzitanos ao El-Dorado que Vasco da Gama encontra, o acaso impelio a frota portuguesa ás costas da terra de Santa-Cruz.

Surgindo assim do seio das aguas, cheio de vida, inexplorado, de uma fertilidade sem rival, o Brasil oferecia a perspectiva de um tesouro inexgotável, de uma nova Terra da Promissão.

As vistas, porém da Europa toda, estavam voltadas para a India, e para lá se dirigiam todos aqueles que não achavam no Sole da Pátria, o que saciasse a ambição de ouro e a cubiça de glórias.

Por isto, as primeiras tentativas do govêrno português para colonizar o Brasil, foram infrutíferas; a divisão em capitánias hereditárias á maneira dos feudos da Idade Média, não correspondeu aos desejos da metrópole.

Reforma-se a administração; o sistema de capitánias hereditárias é substituido pelo de govêrnos gerais que centralizados tem toda a ação administrativa.

Vem ao Brasil os primeiros colonos e ficam pasmados ante a fertilidade prodigiosa do sólo e abundância de minas auríferas; transportados para este sólo virgem os europeus sem forças suficientes para arrancar da gleba as riquezas que ela continha, recorrem ao braço escravo para se apossarem do território.

A escravidão antiga havia nascido da guerra, graças ao regimen exclusivamente militar de entao; a escravidão moderna que não encontra para justificála o estado rudimentar da civilização daqueles tempos, a escravidão negra nas colonias deve a sua origem a ambição á sacra fames auri que dominava os colonizadores das plagas incultas que o grande genovez descobrira.

A princípio as vistas dos exploradores voltavam-se para os habitantes do país os bravos filhos das selvas brasileiras, que ocupavam o vasto território desde as margens setentrionais do Amazonas ás fronteiras meridionais do

colosso americano. Muitos dos nossos abovigenes foram escravizados, mas logo se esgueram num protesto unisono contra este crime injustificável as vozes de Anchieta, Nobrega e Vieira e todos vós sabeis, Meus Senhores, a luta empenhada que tiveram de sustentar aqueles corajosos missionários contra as pretensões de escravisação dos índios, que nutriam os conquistadores.

Leis justas e severas foram decretadas contra os que tentassem contra a liberdade dos gentios e diversos Pontífices proibiram sob pena de excomunhão a escravisação dêles.

Foi então que voltaram-se para o Continente Negro as vistas dos colonizadores.

A Africa estava nas mãos de Portugal e estendeu-se, diz um escritor, como que uma ponte entre a Africa e o Brasil pela qual passavam milhões de africanos mudando o seu habitat das margens do Zambere e do Orange para as do S. Francisco e Tocantins.

Instituida assim legalmente na grande Colonia Portuguesa da América com um caracter puramente africano, ela dentro de poucos anos tomou proporções extraordinárias da mais sórdida especulação. Tornou-se enorme o incremento que tomou o tráfico africano - aviltante comércio de carne humana. Subiu a 50 mil na média o número de negros importados para as nossas senzalas!...

Pintar com as verdadeiras côres o que foi a escravidão no Brasil desde a sua introdução até a promulgação da aurea lei de 13 de Maio de 1888, é simplesmente impossível.

Não tentarei fazê-lo, Senhores, mas dir-vos-ei: a história Moderna e a Contemporânea não apresentam em todo o seu longo decurso um crime igual, de tão grande monstruosidade e de tão funestas consequências e perversidade dos algozes, que deixa á pender de vista as verperas scicilianas, a Saint Bartholomy, o domínio do Terror, como a escravidão africana na América. Perdida a nacionalidade e a familia, sem ter de homens mais que o feitio, reduzido á condição de irracional sem ter outro direito senão o de trabalhar e traba - lhar sempre sem descanso sob os olhares ferozes do feitor que de chicote em punho, semelhava o carrasco desumano diante da vítima indefesa!

Ah! meus senhores, a alegria que se expande em vossos corações, hoje que solenisamos a gloriosa data em que o Brasil ergueu-se do gremedal em que chafundava havia 3 séculos, não permite que eu venha relembrar as cenas aviltantes de canibalismo e atrocidades do regime do chicote e do ferro em brasa.

Sim, eu não devo perturbar o prazer que vos enche as almas e que os vossos olhares mal traduzem, descrevendo a condição miserrima do escravo entre nós, sem Deus e sem pátria vendo na morte o termo dos seus suplícios, esperando a morte como a portadora de sua carta de alforria.

Direi apenas o que vós bem sabeis - a escravidão no Brasil foi como em toda parte objeta e tirânica, uma afronta perene aos brios do nosso país e ainda mais á própria dignidade humana!

MEUS SENHORES;

Quando na primeira conferência que fez no Teatro Santa Isabel, Joaquim Nabuco, o Castellar brasileiro, defendia a sua candidatura, deixou n'um dos arroubos admiráveis de sua imaginação possante, cair dos lábios estas palavras que eu faço minhas: Saudo o espírito de liberdade com tanto mais ardor quanto sou Pernambucano!...

Sim, meus Senhores, eu saudo a liberdade, a deusa sublime que possui um altar em cada peito em que palpita um coração genuinamente brasileiro, e saudo-a eu faço-o com o entusiasmo e ardor de um filho do Leão do Norte!

Quer isto dizer que eu vejo em minha pátria a inspiradora de todas as grandes reformas por que tem passado o Brasil, vejo em Pernambuco o Pedro Eremita de todas as cruzadas em prol da liberdade e do progresso.

Sabeis a história de Pernambuco? Sabeis a história do Brasil. Pois bem; Pernambuco, o primeiro que se ergueu contra o governo da metrópole, o primeiro que tentou implantar no Brasil o regimen republicano (embora n'uma mentira de bronze pretendessem atestar o contrário em umas das praças do Rio de Janeiro) é ainda á êle que cabe a prioridade na abolição da escravatura na extinção do elemento servil! Talvez as minhas palavras não tenha exprimido bem o meu pensamento, talvez julgueis que eu quero roubar ao Ceará a glória de ter sido a primeira provincia livre do Brasil.

Não ha tal; eu me refiro á prioridade histórica no ideal abolicionista e vou procurar bem longe logo após a expulsão dos b́atavos, a prova do que digo. Vós sabeis que eu quero me referir á república dos Palmares, fundada na Serra da Barriga, e que durante muitos anos manteve a sua independência, derrotando as tropas contra ela mandadas pelo governo português!

Este núcleo de escravos foragidos, representa o protesto corajoso e nobre do cativo, contra o roubo de sua liberdade! A metrópole lutou com grande dificuldade para destruir os quilombos dos Palmares, o que só conseguiu em 1696 Domingos Jorge, aventureiro paulista.

Frustrada embora esta primeira tentativa de libertação de escravos, com a derrota dos valentes negros cujo chefe preferiu nobremente a morte ao cativo, ficou implantado o primeiro marco no percurso da propaganda em prol da raça africana.

Se ainda este fato não fosse suficiente para atestar a prioridade de Pernambuco na grande idéa abolicionista, eu vos mostraria, Senhores, o Leão do Norte, ainda á frente do grande desideratum quando em 1817, uma pleiade de herves alçando bem alto o pavilhão sagrado da Republica, proclamou, sabeis-lo bem, a libertação dos escravos a extinção do elemento servil. Embora a pouca duração do governo republicano de 1817 não permitisse a effeito do projeto do abolicionismo, o germe que êle plantou no uberrimo sólo da pátria veio a produzir mais tarde os frutos desejados.

... / ...

Evidenciada como ficou a prioridade de Pernambuco na idéia magestosa que é hoje uma realidade, apreciemos as diferentes fases d'êste movimento patriótico e civilizador que á princípio, como diz Nabuco "descia como um fio d'água cristalina do seio de algumas inteligências e das fontes de alguns corações" e avolumando as suas águas veio enfim, despeja-las no grande oceano da igualdade humana.

SENHORES

O Século XVIII expirou, ouvindo o estridente clangor dos instrumentos marciais, ao ribombas incessante das poderosas máquinas de destruição, enquanto repercutia em todos os angulos do planeta o som do hino sublime de Rouget de I'Iste, fazendo nascer em cada coração o fogo ardente do amor da pátria a anunciar febril:

"Le jour de gloire est arrivé".

Tombara a Bastilha, o asqueroso símbolo da tirânia e dos velhos preconceitos! O grande abalo político-religioso que marca o início de uma nova era na História da Humanidade, deixou de ser uma revolução francesa para tornar-se universal.

Os seus efeitos fizeram-se sentir em todos os países civilizados do globo, despertando nos povos coloniais os sentimentos puros de liberdade, de emancipação política. A América-hespanhola quebra um a um os anéis da cadeia que a prendia á pátria de Cio e de Pelayo.

Os Estados Unidos depois de luta homérica consegue libertar-se do jugo da velha Albion - O Brasil, emancipa-se de Portugal.

Bolívar, Washington e José Bonifácio eis os três grandes vultos da independência americana. Proclamada esta surge como sua consequência imediata a idéia da emancipação servil. A idéia cresce, desenvolve-se e em breve é uma realidade nas repúblicas hispano-americanas.

Nos Estados Unidos ela encontra forte oposição - Sul e Norte colocam-se em campos opostos. Trava-se a luta renida e encarniçada...

Vence o direito; mas a abolição custara rios de sangue e de dinheiro.

E no Brasil?

Ah! Custa acreditar-o; a Terra de Sta. Cruz, jaz em profundo letargo dormindo sobre os louros da guerra da independência. Aparece, é verdade, ainda uma vez o vulto olímpico de José Bonifácio de Andrade e Silva, que toma a direção do movimento emancipador.

Os seus esforços, porém, ficam frustrados, com a dissolução da Assembléia Geral Constituinte, e seu consequente exílio na França.

Em 1831 uma lei abule o tráfico de escravos, porém este continúa como

... / ...

pirataria sem que o govêrno tivesse a coragem nem a dedicação precisa para empregar medidas enérgicas e salutarés de ordem a acabar completamente com êle.

Em 1845, a Inglaterra intervem no Brasil com o Bill Aberdeen para a extinção do comércio de negros dando ordem aos seus cruzadores para apresionar mesmo nas aguas brasileiras os navios negreiros.

Pouco importa que seu movel fosse um cálculo mercantil, um desejo de domínio universal dos mares, ou que ela tivesse obedecido a inspiraçoés humanitárias, cristaes e filantrópicas.

Fosse qual fosse ela, o fim foi santo e justo.

Não obstante isto o tráfico de escravos só foi completamente extinto em 1850 pela mão forte de Euzébio de Queiroz. A escravidão sentiu-se abatida com êste golpe mortal; muito porém ainda restava fazer. A Pátria brasileira, havia compreendido enfim a necessidade de ter também o seu talher no banquete da civilização ao lado de suas irmãs da América.

Acordada de seu profundo sono ela sentiu o rubor subir-lhe ás faces vendo o lamaçal imundo em que jazia. Viu então na escravatura a mão invisível do festim de Baltazar que escrevera o Mane, Thecel, Fases do Império Brasileiro. Era preciso, nada mais nada menos que decepar esta mão invisível, o que só consegueria, uma força de vontade stoica, a par de um grande patriotismo.

Cumpria mostrar ao mundo que o coração brasileiro aquecido pelo Sol equatorial, sabia palpitar bem forte, por tua que engrandece e dignifica a Pátria.

Um grande historiador, Cezar Cantrí referindo-se ao nosso país assim se exprimia em sua obra - os Últimos Trinta Annos, em 1880:

"É santa e filantrópica, posto que irrealizavel a abolição da escravatura no Brasil pois sendo os escravos propriedades particulares só se podem libertar com indenização"; Puro engano! Oito anos depois ela tinha-se realisado sem que para isto fosse necessário derramar uma só gota de sangue.

Mas não precipitemos a narração, voltemos a 1850, á extinção do Comércio de Carne humana. Extinta a importação dos filhos do Continente Negro, diversas leis foram depois promulgadas leis essas não apenas paliativas ao grande mal. Assim é que foi proibido o castigo bárbaro dos açoites ao passo que uma lei de 15 de setembro de 1869 determinava: É proibido, sob pena de nulidade da venda, separar o marido da mulher, o filho menor de 15 anos, do pai ou da mãe.

No entanto a causa do abolicionismo ia colenisar uma de suas maiores vitórias; a de 28 de setembro de 1871 chamada a lei do ventre livre que cobriu de glórias e bençãos o nome de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Dado este segundo passo agicantado no caminho da vitória do Ideal Sagrado, a Campanha abolicionista já então rio caudaloso, tomou grande

incremento.

Fagundes Varella, Castro Alves puseram as suas liras inspiradas ao serviço da causa dos cativos; ésta principalmente no Navio Negreiro ms descreve o quadro negro do tráfico de escravos.

Na imprensa e na tribuna, vultos da estatura de Cristiano Ottoni, Saldanha Marinho, Jaguaribe Filho, elevaram bem alto a voz em defesa da Emancipação Servil.

Fundam-se grêmios abolicionistas; o entusiasmo domina todos os corações, invade toda as almas; a 25 de Março de 1884 a causa abolicionista alcança uma grande vitória com a libertação do Ceará; Amazonas e Rio Grande do Sul secundam a pátria de Iracema. O dia 28 de setembro de 1875 é 14 anos depois, em 1885 dignamente solenizado com a emancipação dos sexagenários.

A escravidão está quase morta; um último golpe e ela terá sucumbido.

Foi o que sucedeu; a 13 de Maio de 1888 alcançou a pátria a vitória decisiva, recebida em todos os pontos do país com festas e flores, nesta conquista feita pelo povo, tomando palmo á palmo o terreno ao inimigo.

Estava abolida a escravidão no Brasil - pelo povo, como já vos disse, inspirado pelos seus próprios brios.

A princesa D. Isabel, sancionou-a fazendo assim, jús ás benções do país inteiro.

E hoje que solenizamos o aniversário deste fato altamente civilizador, é justo, muito justo, que rendamos um preito sagrado de gratidão aos heroes desta cruzada, aos invictos chefes do abolicionismo brasileiro.

Os seus nomes jamais se apagarão da memória do povo; êles atravessarão incolhumes séculos e séculos, resistindo a todos os embates das reformas sociais, á todas as transformações do sociedade humana.

Êles não precisam de mármore ou bronze que os perpetue pois tem um monumento em cada coração brasileiro.

O tempo que tudo destróe e consome que tudo lança á vala comum do esquecimento, é impotente para apagar do pedestal da estátua de granito que a História ergueu no coração dos povos para perpetuar os grandes tentáculos de uma nação, os nomes de seus heroes, de seus martires e de seus filhos valorosos.

É por isto que terminando eu quero saudar aos gigantes da grandiosa idéa aos destemidos e obscuros heróis da República dos Palmares, aos valentes pernambucanos, aos vultos homéricos de 1817.

Saúdo ao Franklin brasileiro ao herói da nossa independência e devotado abolicionista José Bonifácio de Andrada e Silva. Proclamo bem al

to os nomes inolvidáveis de Euzébio de Queiroz, de Rio Branco e de Cotegipe. Salve, gênio sublime da Cantor dos escravos "Tú que eras pequeno, sim, mas só fitavas os Andes" inspirado autor da Tragédia no lar fizeste de tua pena uma arena forte contra o escravagismo; o teu crâneo foi o Vezuvio que despedindo lavas incandescentes, soterrou a Pompéia escravocrata! Salve! Salve heróicos jangadeiros dos "verdes mares bravios" da terra de José de Alencar.

Saúdo o nosso compatriota, Nabuco, o tribuno ardente que na imprensa, nos teatros, na praça pública foi o grande advogado da causa santa dos cativos. E falando em Nabuco, eu peço licença para por em relevo as outras estrelas desta constelação pernambucana de que Nabuco é a alpha, e fazendo-o não posso olvidar os nomes de José Mariano. Saúdo os grêmios abolicionistas de Pernambuco sintetizados no Clube do Cupim, a valente agremiação a quem tanto deve o abolicionismo brasileiro.

A êle um hurrah entusiastico e patriótico, a êle a gratidão da pátria, a êle as bençãos de milhares de libertos.